

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula nº 215
10 de agosto de 2013

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos. Sejam bem-vindos.

~~Vocês d~~Desculpem o atraso. Em razão da tempestade ~~que está~~ aqui na região, a ~~nossa~~ transmissão está realmente muito ruim e pode cair a qualquer momento. Se isso acontecer, ~~vocês~~ desculpem novamente.

Nós vamos continuar aqui com o texto do Jean Brun. Mas, antes eu vou ler ~~aqui para vocês um~~ artigo, ~~que acabei~~ de mandar para o *Diário do Comércio*, ~~porque~~ ~~de algum modo tem a ver~~ ~~está de~~ ~~algum modo relacionado~~ com o nosso assunto de hoje: ~~que é justamente~~ a transformação da ~~noção~~ ~~de~~ verdade a partir de Nietzsche. O artigo chama-se “Mais inépcia acadêmica” ¹⁽¹⁾:

Comentado [Elisabete1]: Alterei aqui para não repetir o “que”

Formatado: Fonte: Itálico

Formatado: Sobrescrito

No debate da TV Cultura com o intelectual católico Sidney Silveira, talento superior que merecia adversários bem melhores, um sr. Ricardo Figueiredo de Castro, professor de História Contemporânea na UFRJ, deu um show de ignorância à altura do que é de se esperar da classe universitária hoje em dia, enquanto seu colega Paulo Domenech Oneto, professor de Filosofia Política na mesma instituição, preferiu caprichar na baixeza e na mendacidade, como seria mais próprio de um ministro de Estado.

O primeiro, com aquele olhar de tranqüilidade soberana que dá a qualquer um os ares de uma tremenda autoridade científica, assegurou que “os conservadores de hoje em dia, como os do século XIX, tendem a pensar o processo histórico desde uma perspectiva rígida, formalista, que não aceita a mudança”.

Sei o quanto é injusto, cruel e desumano exigir que um professor universitário de hoje em dia conheça alguma coisa, mas, se esse professor de história ~~conhecesse~~ ao menos a história da sua própria disciplina, saberia que o senso do tempo, da história e da mutabilidade foi introduzido no pensamento europeu por historiadores intelectuais conservadores, em reação contra a idéia dos revolucionários de 1789 que, inspirados ~~pela-na~~ física newtoniana, acreditavam numa sociedade moldada segundo os cânones universais e imutáveis da ~~razão~~ **Razão**.

Os nomes de Georg **W. F.** Hegel, Edmund Burke, François-René de Chateaubriand, Leopold von Ranke, ~~e,~~ mais tarde, os de Jacob Burckhardt e Hippolyte Taine, deveriam bastar – para quem os leu, é claro, o que não é absolutamente o caso – para eliminar qualquer dúvida a respeito.

Já entre os revolucionários, nem mesmo em Karl Marx aparece claramente o senso da “mudança como algo inerente ao processo histórico”, para usar os termos do prof. Figueiredo, já que a visão marxista da história é a de um processo predeterminado por leis tão imutáveis quanto as de Newton, caminhando de fatalidade em fatalidade até desembocar inexoravelmente no socialismo.

Comentado [Elisabete2]: Eu vi que não tem essa vírgula no original, mas o caso é que, para não deixar errada a vírgula antes de “deveriam”, que está separando o sujeito do verbo, ou usa aqui ou exclui antes de “deveriam”.

Formatado: Fonte: Galliard BT

Formatado: Fonte: Galliard BT

Formatado: Fonte: Galliard BT

Formatado: Fonte: Galliard BT

Formatado: Fonte: 10 pt

Formatado: Fonte: 10 pt

¹ O artigo foi publicado sob o título “Professores”: <<http://www.olavodecarvalho.org/semana/130819dc.html>>.

⁽¹⁾ O artigo foi publicado sob o título, “Professores...” [<http://www.olavodecarvalho.org/semana/130819dc.html>]

A elevação da “mudança” às alturas do mito abrangente e força universal soberana não aparece no pensamento ocidental moderno antes de Nietzsche – aliás, um discípulo de Jacob Burckhardt –, embora tenha tido alguns precursores na fileira do anarquismo e também em alguns obscuros representantes da intelectualidade revolucionária russa pré-marxista.

Essas discussões da intelectualidade russa não se tornaram conhecidas na Europa Ocidental antes do sucesso de Dostoievski, na França. Esse sucesso ~~só~~ aconteceu, na verdade, ~~só~~ só ~~em~~ em ~~o~~ o século XX, graças a um pequeno livro de André Gide sobre Dostoievski, ~~porque~~ porque ~~a~~ a Antes circulavam umas traduções muito ruins, que alimentavam toda sorte de confusões e ~~que~~ que provocaram então reações muito negativas – ~~ninguém~~ ninguém gostava do Dostoievski. Mas, quando, por volta de 1920, foram publicados ~~veio~~ o livro do André Gide e traduções melhores, eu creio que por volta de 1920, o pessoal ~~começou~~ começou a ler Dostoievski, e ~~ali~~ ali ~~a~~ a tomar consciência das discussões que havia na intelectualidade russa. São ~~Tem~~ páginas e páginas de Dostoievski, em ~~que~~ que ~~são~~ são uns camaradas se enchem ~~de~~ de vodka e discutem ~~na~~ na noite adentro as idéias mais estrambóticas de um movimento socialista pré-marxista. E naquela época já ~~havia~~ havia ~~já~~ esse senso da mudança enquanto tal, ~~ao~~ ao ponto de ~~que~~ que o movimento revolucionário ~~seria~~ seria designado com a simples expressão “o movimento”, de maneira que havia uma espécie de idealização do movimento e da mutabilidade enquanto tal. Mas isso foi na Rússia. No Ocidente, isso só pega realmente a partir de Nietzsche, como nós vamos ver.

É ~~u~~ u ~~ma~~ ma coincidência feliz ou infeliz ~~de~~ de ~~que~~ que o sujeito mencionou ~~isso~~ isso, justamente quando estamos estudando ~~esse~~ esse o mesmo assunto.

Confiante na sua devota ignorância histórica, o referido sentenciou ainda que os conservadores “tendem a exagerar o papel dos políticos de esquerda na condução do processo de transformação, como se ~~esse~~ esse ~~este~~ fosse gerido por pequenos grupos de intelectuais, e não ~~e~~ e ~~como~~ como algo que faz parte da dinâmica da sociedade”.

Ele deveria ter ensinado isso a Lenin Lênin, que zombava de todo “espontaneísmo espontaneísmo”, como ele o chamava, e enfatizava mais que ninguém o papel da vanguarda revolucionária. Poderia também ter dado lições a Georg Lukács, para o qual a consciência de classe do proletariado não era sequer uma realidade presente, mas uma possibilidade abstrata a ser concretizada pela ação da elite. (...)

Ele falava em “consciência possível”. Antes se acreditava em consciência de classe como um fenômeno histórico real, uma coisa presente. E ~~o~~ o Lukács disse ~~que~~ que não, que o proletariado tem apenas a possibilidade de ter uma consciência de classe, e esta possibilidade tem de ser ativada pela atuação da elite.

(...) Poderia também passar uns pitos em Antonio Gramsci, para o qual a força criadora da revolução está acima de tudo na elite intelectual. Ou então poderia escrever uma tese de que Lenin Lênin, Lukács e Gramsci foram conservadores.

Para vocês terem idéia de como as pessoas estão longe do próprio assunto que ~~elas~~ elas ~~lecionam~~ lecionam: ~~elas~~ elas não têm a menor idéia disto disso. A bibliografia marxista sobre o papel da elite é um negócio imensa. E ~~e~~ e eu poderia até aqui ~~citar~~ citar aqui todo o fenômeno da evolução do pensamento marxista, desde a idéia inicial de ideologia de classe proposta por Marx até o estado atual, em ~~que~~ que ~~onde~~ onde ~~o~~ Ernesto Laclau diz que a propaganda revolucionária cria a classe que ~~ela~~ ela ~~depois~~ depois ela diz representar. Quer ~~dizer~~ ou seja, chegamos aí no elitismo completo: a função da elite é tudo, e ~~a~~ a classe que a elite representa é uma invenção, uma criação dela mesma. E vem esse cara dizer que são os conservadores que pensam assim? Como? Então, evidentemente ele está falando de um marxismo que ~~ele~~ ele ~~desconhece~~ desconhece por completo.

Comentado [CF3]: Coloquei o acento circunflexo, pois no artigo do Prof. Olavo foi utilizado o acento. Também com espontaneísmo.

Comentado [Elisabete4]: O uso de artigo na frente de nome próprio é informal.

Comentado [CF5]: Eu coloquei este “não” porque o prof. o disse; e também porque enfatiza duas ideias opostas: acreditar que a consciência de classe era um fenômeno histórico real e o fato de Lukács negar isto e afirmar que o proletariado tem apenas uma possibilidade de consciência de classe.

Comentado [Elisabete6]: Aqui não está errado, mas está muito discurso falado. Sugestão: Mas Lukács contestou isso, para ele, o proletariado tem apenas a possibilidade de ter uma consciência de classe.

Comentado [Elisabete7]: Eu usaria “muito vasta” nesse caso.

Comentado [Elisabete8]: Vou dar uma dica porque sempre vejo esse problema nos textos: nunca usar “onde” se não estiver se referindo a um lugar.

É claro que na sociedade há processos de transformação espontâneos mesclados à ação planejada de grupos políticos. Já expliquei que a descrição meticulosa desses dois fatores, bem como a análise das suas múltiplas relações e interfusões, é a chave de toda a narrativa histórica decente.

Vocês devem se lembrar da regra do Georg Jellinek (que já citei aqui várias vezes), de que tudo na história e nas ciências sociais e na história das ciências sociais depende de ~~voeê~~ conseguir distinguir os processos que resultam de um plano, de uma ação premeditada, e ~~aqueles-os~~ que se formam pela confluência espontânea e impremeditada de vários fatores. ~~Sendo que, E~~ em parte, os primeiros fatores (os fatores planejados) se diluem na multidão das correntes que se fundem anarquicamente na sociedade, e, por sua vez, ~~esses-os~~ processos espontâneos também são absorvidos dentro dos planos que se remanejam para levar em conta o curso impremeditado das coisas.

O exemplo mais clássico ~~disso~~ seria o plano ~~de~~ Stalin de usar o nazismo como ~~o~~, conforme ele chamava, ~~o~~ “navio quebra-gelo” da revolução, ~~ou seja~~, alimentar a formação do exército alemão, ~~então que era proibida~~ a Alemanha, ~~p~~elo Tratado de Versailles, a Alemanha estava proibida de ter um exército, ~~m~~, ~~M~~as a Rússia cedia o seu território e dava ajuda técnica, dinheiro e armas para formar um exército alemão ~~no exterior~~, no território russo, ~~o~~, preparando a Alemanha para ~~que~~ atacar ~~se~~ as potências ocidentais, com a idéia de que, como o nazismo era uma revolução sem suporte teórico, ~~era um negócio algo~~ irracional, ~~o~~, ~~ele achava que~~ os alemães eram ~~os~~ loucos, ~~que iam ganhar iam e~~, ~~mas não iam levar iam, então~~ ~~o~~; ~~então a Rússia iria~~, atrás dos alemães, ~~vamos nós~~ e tomar ~~iam~~mos tudo. Esse era o plano, e ~~ele o plano~~ foi posto em execução.

Stalin O que ele fazia? Alimentava o nazismo de um lado e, ~~por outro lado~~, nos demais países, como a Inglaterra e a França, fazia uma brutal campanha antinazista. Isso é característico da estratégia comunista: agir por dois lados opostos ao mesmo tempo, mais ou menos na base da tese antitesa para produzir uma síntese. O próprio Stalin já estava pronto para invadir a Alemanha, ~~o~~ assim que ela atacasse as potências ocidentais, ele ~~a ia~~ atacaria pelas costas, ~~o~~ O exército russo inteiro já estava ~~todo~~ na fronteira, ~~preparado~~ para ~~isto~~isso. Mas E de repente o Hitler [0:10] fica sabendo, ~~e então disse, o plano vaza e~~ Hitler invade a Rússia. O plano tinha vazado. A Rússia imediatamente muda toda a sua política no Ocidente, criando a estratégia da front popular ~~o~~ então ~~onde não se falava mais em revolução comunista, só se falava apenas em democracia, e paz, etc. e~~ etc., ~~o~~, angaria o apoio ocidental, derrota a Alemanha e toma metade da Europa, como ~~tinha sido~~ planejado no começo. Houve evidentemente um imprevisto, mas ~~o imprevisto que~~ foi reabsorvido, ~~e como diz~~, Stalin deu a volta por cima.

Comentado [Elisabete9]: Eu alterei esse trecho, pois estava com uma repetição.

... invade a Rússia. A Rússia...

Comentado [Elisabete10]: Novamente uso indevido de “onde”.

Isto Isso acontece inevitavelmente em todo e qualquer plano porque ninguém é capaz de levar em conta todos os fatores ao mesmo tempo, sempre acontece alguma coisa que não estava no programa, ~~o~~ e ~~voeê tem de~~ preciso modificar o ~~seu~~ plano. Isso faz parte da natureza do plano. O economista Pierre Mercier, ~~o economista~~, chamava o plano de “o antiacaso”: existe uma força ~~de~~ acaso, ~~uma força~~ anárquica do acaso, ~~o~~ e existe a razão humana que tenta rearticular os elementos irracionais e reordená-los dentro de uma racionalidade.

Isto é o mínimo que temos de saber a respeito ~~de~~ estas coisas. E ~~isso não tem há~~ uma fórmula que ~~voeê se~~ possa [saber] de antemão. O que predomina na história: são leis anônimas e impessoais ou é a ação deliberada dos indivíduos? Não há resposta teórica para isso. Você precisa estudar os fatos ~~o~~ coisa como ~~foram~~, caso por caso. Por exemplo, você vê que a central de planejamento mais organizada, mais unitária e mais poderosa do mundo, ~~que é essa a da~~ elite globalista, já errou no cálculo muitas vezes; devido ao surgimento de movimentos nacionalistas aqui e ali. A idéia do governo mundial era ~~que estivesse para estar~~ implantada desde 1980, e até agora, de certo modo, não está ~~até agora de certo modo~~. Todo plano pode ser muito difícil, e há uma luta permanente contra o acaso. ~~Voee só tem de~~ é necessário estudar isso aí caso por caso: distinguir em cada

circunstância quais foram os elementos que foram entrando em jogo. Porque, é claro, se você tem um plano, o outro lado também tem ~~um plano~~. É a história do Mané Garrincha: Você já contou isso para o outro time? O técnico explica a estratégia, mas ~~e você já explicou isso para o outro time?~~ O outro time também tem a sua ~~estratégia~~. E ~~esta~~ essa luta constante entre o acaso e o plano ~~isto~~ é o tecido mesmo da história.

[queda de transmissão, cancelamento da aula]

Transcrição: Jussara Reis de Abreu

Revisão: [Carla Farinazzi e Jussara Reis de Abreu](#)

Revisão Final: [Elisabete Franczak Branco](#)

Formatado: Recuo: À esquerda: 0 cm